



A ROSA

CURIOSA

Por VENUTRA

Vou contar-vos um percalço
Que teve a criada Rosa
Em casa de Dona Justa,
— Por andar de pé descalço
E ser muito curiosa
Aprendeu à sua custa!

Se subia o patamar,
Quando voltava da praça
com as compras do almoço,
Sempre havia de escutar!
— Não é coisa que se faça,
E desculpá-la não posso!...

Se a senhora, pressurosa,
Tinha de ir para a saleta
Receber uma visita,
— Logo a Rosa, curiosa,
la pôr-se d'ôlho à espreita
Numa postura esquisita!

Andava pé, ante pé,
De nariz sempre no ar

E de ouvido à escuta...
Em suma
De tudo qu'ria dar fé!
— Este vêzo de escutar
Não tem desculpa nenhuma!

Dessa vez, 'stava a
criada
naquela dita postura,
Tão feia, tão esquisita,
Com a cabeça encostada
Ao ôlho da fechadura
A espreitar uma visita.

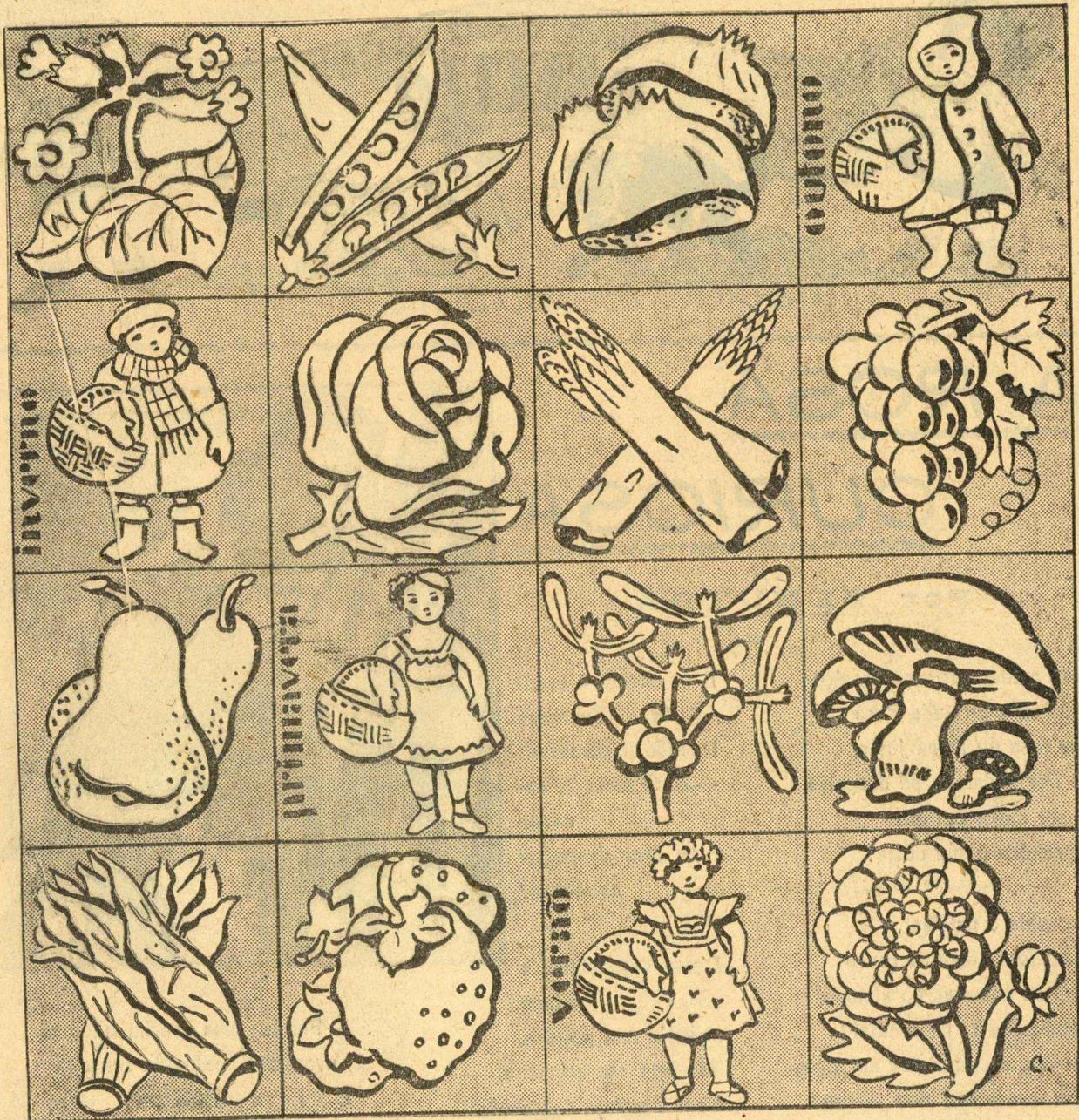
Nisto vem, com muita pressa.
A correr, e empurra a porta,
A menina Beatriz.
— Apanha-a pela cabeça
Pondo-a quási semi-morta
A sangrar pelo nariz.



— Fez-lhe uma brecha medonha,
Levou três pontos na testa
E foi p'ra casa da mãe!
— Meus meninos, que vergonha!
Faltas assim, como esta,
Não as desculpa ninguém.



■ O JÔGO DAS 4 ESTAÇÕES ■



Pequeninos leitores, tendes aqui 16 quadradinhos que representam a pequenina Mimi na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno, entre os legumes, as frutas e as flores que a acompanham durante as diferentes estações do Ano.

Colori tudo cuidadosamente e, em seguida, recortai todos os quadradinhos, de modo a formarem um pequeno baralho de 16 cartinhas. Colai cada quadrado numa cartolina e eis o vosso jôgo pronto a começar.

1.º — Experimental fazer 4 pequenos macinhos e tentai conseguir as três cartas que acompanham Mimi, através das estações. Vêde se podéis inscrever sôbre as cartas todos os nomes e marcar entre-parenteses a que estação pertencem, conforme a indicação que publicamos no fim.

2.º — Se vós sois três ou quatro, distribuí as cartas e jogai ao «jôgo das estações», isto é experimental reconstituir uma série completa.

Para isso, o jogador A diz, por exemplo, ao jogador B: — «Eu queria castanhas».—Se o jogador B as tem, êle é obrigado a dar-lhas; se as não tem, é a sua vez de perguntar o que lhe falta, até que se êle engane, etc., etc. Ganha, claro está, aquele que se desembaraçar mais depressa das suas cartas e forme sôbre a mesa uma série completa relativa a uma das estações.

Primaveras (P) Ervilhas (V) Castanhas (E) Rosas (V) Espargos (P) Uvas (O) Peras (V) Cogumelos (O) Agárico (E) Endívia (E) Morangos (P) Dálias (O).

UMA ALMOFADA EM FÊLTRO APLICADO

Por ARLETE LOPES NAVARRO

Apresento às minhas amiguinhas esta almofada fig. 1 para ser feita em setim. As tiras escuras são em veludo preto e o desenho é feito em fêltro. Comprem as minhas pequeninas alunas 10 centímetros de fêltro encarnado e 10 centímetros de fêltro amarelo. O pato é feito em amarelo. O bico em amarelo mais escuro e o chapéu e laço do pescoço em encarnado; primeiramente coloca-se sobre um bocadinho de pano a parte amarela e, em seguida, o chapéu sobre o patinho, conforme indica o desenho, tendo bordado primeiramente umas florinhas a azul pálido na aba.

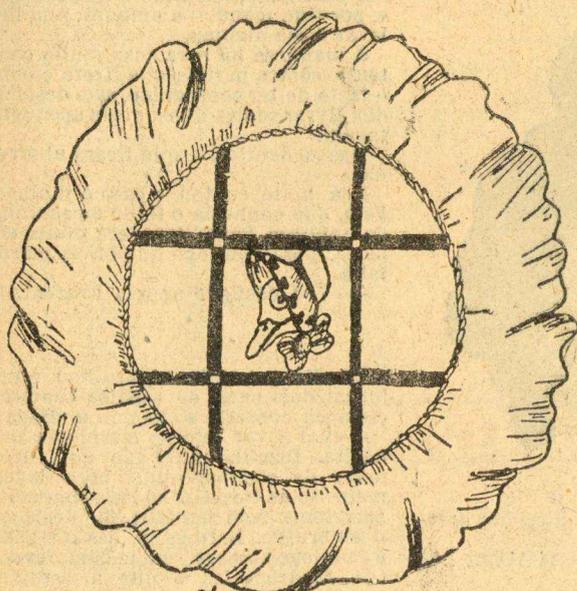


Fig. 1.

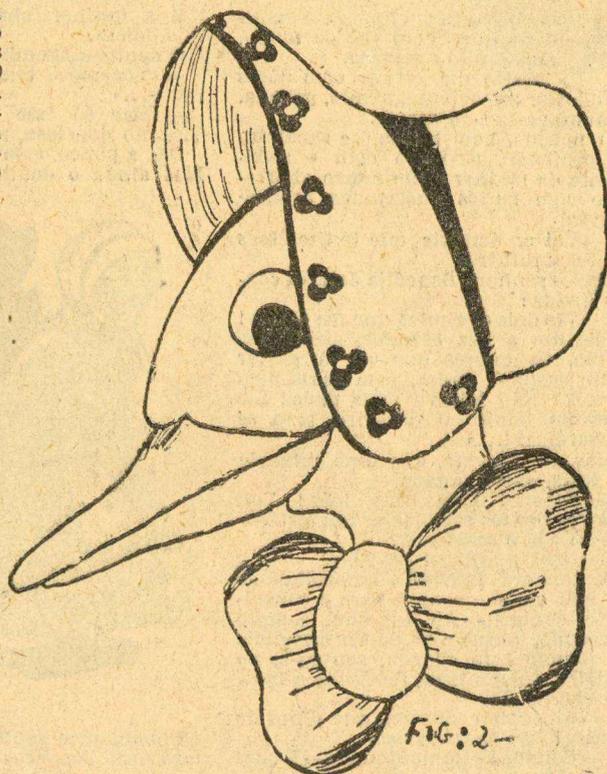
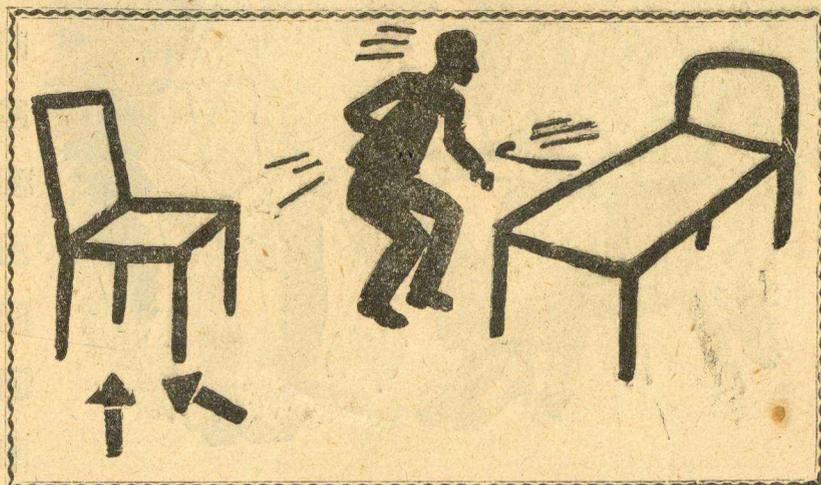


Fig. 2.

do chapéu. Experimentem fazer esta almofada e verão como ela fica simples e graciosa.

O QUE FAZ ÊSTE DOENTE?

Amiguinhos,
fixai a vista nas
duas setas desenhadas
por baixo da cadeira. Con-
servai nelas os olhos fixa-
mente e, pouco a pouco, aproxi-
mai o papel até que o vosso nariz lhes
toque. O doente que havia sido atacado
de uma dôr violenta, entre a cadeira
e a cama, senta-se, de súbito, na
cadeira. Vê-lo-eis nitidamente
com a mão sobre o estô-
mago, um pouco incli-
nado, sentando-se
com lentidão.



A ESPERTEZA DA BENEDITA

Por LEONOR DE CAMPOS



A senhora Benedita era possuidora dum bom «pé de meia», mas muito avarenta.

Certo dia estava com dores de dentes. Impaciente, gemia, gritava, lamentava-se sem cessar.

O marido, bom homem e sapateiro de profissão, pesaroso com o sofrimento da mulher e um pouco aborrecido com tantos queixumes, aconselhava:

— «Vai ao dentista, que te tire êsses dentes, mulher!»

Mas a senhora Benedita deitava contas á vida:

— «São dois os dentes que me doem! Cada um a dez escudos, são vinte. Então, tu queres que eu vá gastar vinte escudos assim, sem mais nem menos? Não faltava mais nada! Ele é muito bonito o dinheiro, para se desperdiçar!...»

Mas, de repente, deu uma palmada na testa, exclamando:

— «Espera! Tive uma idéa! Vou tirar os dentes sem gastar um tostão!»

— «Vê lá o que fazes!»

— «Não te aflijas! Até já!»

A senhora Benedita embrulhou-se no seu chale e abalou para o consultório dentário. Ali esperou, sempre gemendo, a sua vez de ser atendida. E quando esta chegou, sentou-se na cadeira do dentista, resolvida a ludibriá-lo.

— «Ai, senhor doutor, que dores de dentes! Não posso mais!»

— «Coitada! — lamentou êle — E qual lhe dói?»

— «Este!»

E a mulherzinha apontou um dos que doíam.

O dentista examinou-lhe a bôca:

— «Vocemecê tem vários dentes furados...»

— «Mas só êsse doi! Ai! Ai! Ai! Tire-mo depressa, por favor!»

Dai a pouco, estava cá fóra o dente. Mas ainda o dentista tinha os ferros



na mão, já a senhora Benedita desatara num berreiro:

— «Ai que não era êsse! Ai que não era êsse!»

— «Mas foi o que vocemecê apontou!»

— «Nada disso! Foi o outro ao lado!... O senhor doutor é muito esperto! Tirou-me um dente são e agora, naturalmente, quere tirar o outro, para, em vez de dez, ganhar vinte escudos! Mas eu não me deixo comer! Vou espalhar pela cidade o que me fez!»

E a mulher gritava tanto e tão alto que o dentista, assustado com o possível escândalo, tirou-lhe o outro dente e, por fim, mandou-a embora, sem lhe levar coisa alguma.

A manhosa foi para casa muito contente com a partida que fizera e com o facto de ter conseguido, sem despêndio, livrar-se das dores que a apouquentavam.

Mas o dentista é que ficara aborrecido.

E á noite contou o caso á mulher. Esta, que conhecia o feitio mesquinho da senhora Benedita e era muito esperta, percebeu logo que havia marotela.

— «Vou castigar aquela avarenta!»

No dia seguinte, embrulhou num jornal dois pares de sapatos que precisavam consêrto e chamou a criada:

— «Vai levar isto ao marido da Benedita. Dize-lhe que vão aqui dois pares de sapatos — um para levar meias-solas e o outro só para engraxar. Mas toma bem sentido: Não desfaças o embrulho. Entrega-lo, dás o recado e vens logo embora, sem te demorares.»

A rapariga fez o que a senhora mandára.

Alguns dias depois, aparece lá em casa a senhora Benedita, a entregar os sapatos.

Ao vê-los, a mulher do dentista exclamou, fingindo-se muito zangada:

— «Não eram êstes os que precisavam meias-solas. Eram os outros! Mas, então, o seu marido é cego?»

A senhora Benedita atrapalhou-se:

— «Como a criada não disse quais eram, êle julgou que...»

— «Ora, ora! Deixe-se de histórias! O que vocês queriam, era enganar-me... Puseram meias-solas nos sapatos que as não precisavam! Mas isto não fica assim! Vou espalhar pela cidade quem vocês são!»

A senhora Benedita caiu em si! A lição era merecida!

Envergonhadíssima por se ver desmascarada, pediu mil desculpas, declarando-se arrependida.

E nunca mais voltou a praticar acções deshonestas, porque compreendeu, a tempo, que não há dinheiro que pague a paz da nossa consciêcia!



F I M

OS PREGOS e a MADEIRA

por FELIZ VENTURA

PARA fechar um caixote sem fendas e sem ranhuras, foram ao sótão buscar pregos de várias grossuras.

Ora, entre todos, havia uns muito grossos, trombudos, que passavam todo o dia a falar com ironia duns outros pregos miudos.

Troçavam do seu tamanho, dizendo com arrogância:

— «Nós somos fortes e belos nada nos pode igualar. Até a nossa elegância tudo, aqui, quer imitar!» Mal sabiam estar perto o momento em que o Destino havia de os castigar.

Foi assim. Mal o martelo se pôs *toc, toc*, a bater, logo a madeira, zangada, diz com a voz aflautada:

— «Não vê que está a fazer?!...»

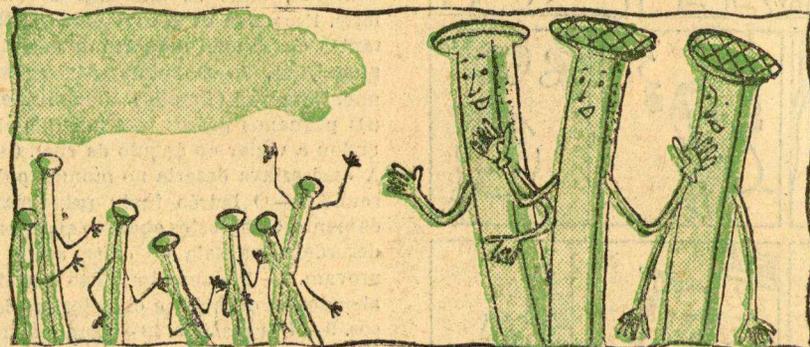


Assim, com tanta pancada em pregos de tal tamanho, note bem:— não tarda nada que não me ponha rachada.»

E tiveram que ir buscar os pregos que eram miúdos; os que não tinham valor, p'ra que a obra desejada, logo depois de acabada, ficasse mesmo um primor.

Do pequeno não te rias. Nunca mostres arreganho. Que o valor duma pessoa Não se mede p'lo tamanho.

F i m



Concurso de legendas a prémio

Publicamos, hoje, a poesia premiada no «CONCURSO DE LEGENDAS» relativas à última fábula muda que publicámos, não tendo sido atribuído prémio algum no Concurso anterior, por ter entendido o Júri nenhum dos concorrentes o haver merecido.

A FORMIGA e o ESCARAVELHO

Um dia uma formiguinha, vendo num ramo cimeiro uma fruta madurinha, viu logo que lhe convinha, levá-la para o celeiro.

Ao ver passar certo bicho, espécie de escaravelho, que saíra do seu nicho: — o caixotinho do lixo, logo lhe disse: — «Meu velho,

Você que tem asas, que é ligeiro, ágil, arguto, seja amável... Corte o pé daquele excelente fruto, que eu dou metade a você».

Dito e feito. O bicharoco vòu ao ramo e corta rente o fruto que, dentro em pouco, tomba sob o bicho louco, sôbre a pobre imprevidente.

Dêste continho a moral bem depressa acode à ideia: — Cada um só por si vale! E' quasi sempre fatal confiar na força alheia!

António Pedro Ferreirinha

uma partida! O forreta do velho não os vende, nem os dá!... Só se forem roubados... A cara de parvo que ele havia de fazer, quando visse a árvore depenada!...

E ria... ria, o malvado!
Os companheiros faziam côro com ele, muito divertidos à lembrança do Tomé com o seu nariz vermelho, as suissas grisalhas e os olhos esboga-lhados de espanto, em frente do pesse-gueiro que deixara cheio de frutos e lhe aparecia naquela desolação.

Até à hora de recolher, o Chico não se calou.

— «É pena — (dizia ele) — que ne-nhum de vós se atreva. O que a gente havia de rir! Eu já lá fui às ameixas e sai-me como um catita. Trouxe uma data. Não se lembram?»

Depois, voltado para o Joaquim que o ouvia muito interessado: — Desta vez, podias tu lá ir. Aquilo faz-se num instante. E' questão de coragem. Amanhã, à tarde, já comiamos aqui pêsse-gos do Tomé. Que dizes a isto, hein?»

A caminho de casa, o Joaquim ia pensativo, meditando nas palavras ten-tadoras do Chico.

— «Porque não havia de se arriscar à proeza? O caso não lhe parecia assim tão difícil...»

E não pensou mais noutra cousa. Nem dormiu de noite.

No dia seguinte, por volta do meio-dia — hora do descanso dos trabalha-dores — pegou num cesto velho, embrulhou-o num trapo e ele aí vai, estrada fóra, com passos leves, cau-telosos.

Chegado à propriedade, procurou no muro um buraco muito grande, onde coubesse. Por ali se meteu a muito custo, arranhando pernas e mãos.

Mas era preciso ter ânimo. Não desistir... O que diria o Chico!...

Quando se apanhou do outro lado, pôs o ouvido à escuta.

Muito ao longe, ouviu vozes de tra-balhadores, que deviam estar a comer para os lados das oliveiras.

O pomar era perto. Encheu-se de coragem.

Pé ante pé, encaminhou-se para lá. Logo lhe deu nas vistas um belo pessegueiro carregado de pêssegos.

Sem mais hesitações, arrancou todos os que lhe ficavam a jeito.

Já o cesto estava quasi cheio, quando um ladrão ameaçador o assa-rapantou.

Um grande canzarão, de bôca es-cancarada, apareceu correndo.

Tomado de susto, o Joaquim desa-tou a fugir.

— «Ao! Ao! Ao!...» Fazia o cão atrás dêle.

E logo alguém gritou: — «Eh, la-drão! Eh, ladrão!»

Assim perseguido, o rapaz chegou ao muro e ia meter-se pelo buraco, como fizera para ali entrar, mas o animal ainda teve tempo de o filar pelas calças, ficando com um pedaço na dentuça.

Dorido, ensanguentado, o Joaquim, depois de lutar valentemente com o cão, conseguiu passar para a estrada.

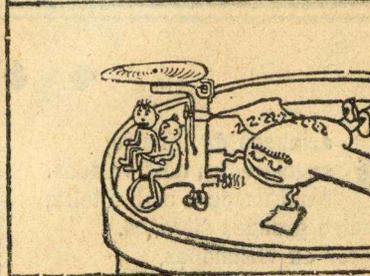
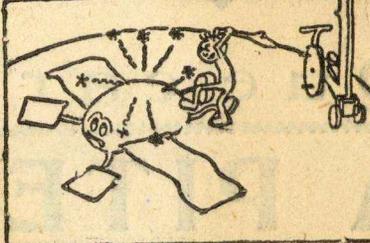
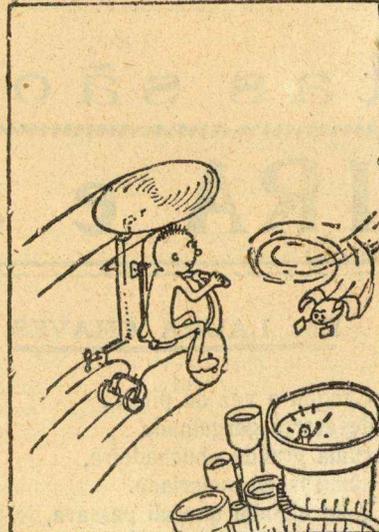
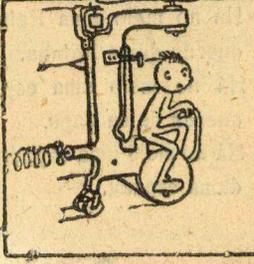
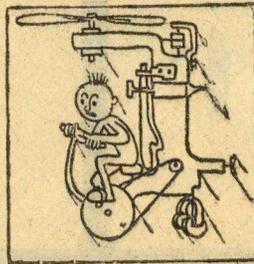
Sempre correndo, num galope, che-gou, finalmente, a casa.

A mãe ainda não voltou do rio. O pequeno atirou-se para cima da cama.

Alli se conservou, transido de medo, à espera do que iria suceder.

Dai a bocado, ouviu a mãe abrir a porta e dizer para fóra, indignada:

— «Escusa de teimar. O «mê» Joaquim não era capaz duma dessas! O tio Tomé está enganado.»



A mesma voz que o chamara ladrão, bradou furiosa: — «Isso é que nós vamos ver. Trago aqui o bocado de fazenda que ficou nos dentes do meu cão. Não é das calças do Chico nem do Agostinho, os atrevidos que costumam ir à fruta...»

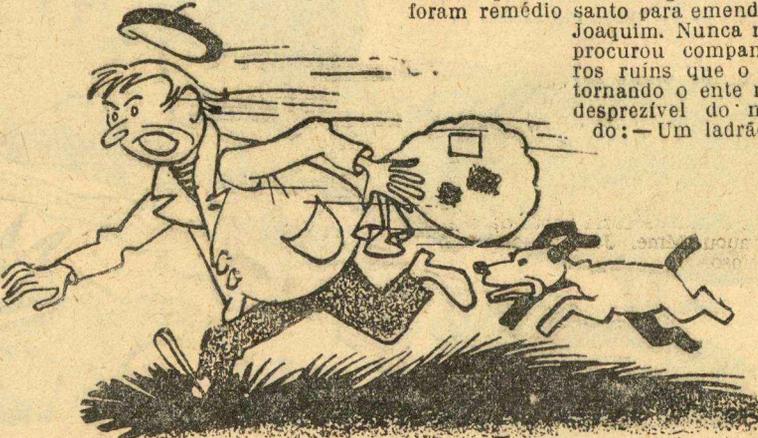
Aos ouvidos do Joaquim, enrodi-lhado sobre a cama, a chorar de arrependimento, souu a voz amargurada da mãe, murmurando, numa angústia: — «Vocemecê tem razão! Essa fazenda é a das calças do meu filho.

Que vergonha, Santo Deus! Tenho um filho, ladrão! Sempre sou muito infeliz! A pobre mulher desfazia-se em pranto.

O seu desgosto abrandou a cólera do Tomé.

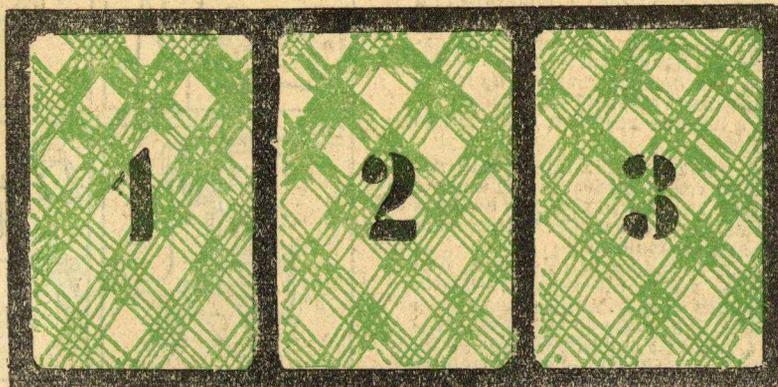
— «Bem! Bem! — disse-lhe compas-sivo. — Cale a boca... Não diga nada ao seu homem. Desta vez, o rapaz está perdoado. Mas dou-lhe um conselho: êle que fuja das más companhias. Ou eu me engano muito ou o velhaco do Chico andou metido nisto...»

Estas palavras e o desgosto da mãe foram remédio santo para emendar o Joaquim. Nunca mais procurou companheiros ruins que o iam tornando o ente mais desprezível do mun-do: — Um ladrão!



EIS AQUI 3 CARTAS VOLTADAS

- a) — Há no meio uma Rainha à direita dum Rei.
 b) — Há no meio uma Rainha à esquerda duma Rainha.
 c) — Há no meio uma espada à esquerda duma copa.
 d) — Há no meio uma espada à direita duma espada.



Que cartas são estas?...

A PITEIRA e a SILVA

Por LAURA CHAVES

A azinhaga da Ribeira, seguia entre dois valados. Num nascera uma piteira, no outro grandes silvados. A-pesar da vizinhança, porque estavam frente a frente, era com desconfiança que se olhavam mutuamente.

Quando a piteira deu figos com grandes bocas a abrir, os silvados inimigos puseram-se logo a rir... Quando as amoras nasceram, depois tornaram-se escuras, por fim, prêtas se fiseram porque já estavam maduras...

Chegou a vez da piteira desatar à gargalhada numa grande chuchadeira, numa troça malcriada. E se alguém que ali passava, roubava à piteira um figo, logo o silvado gritava: — «Toma cautelinha, amigo, não lhe pegues com a mão que é coisa endemoninhada e pica mais que o ferrão duma abelha derramada.»

Se um garoto ia ao silvado para uma amora apanhar, logo a piteira, num brado, começava a aconselhar: — «O rapaz, toma cautela, vê lá bem no que te metes! Vais ficar numa mazela que a silva tem alfinetes!»

É que a piteira não via que os seus figos tinham bicos e a silva não percebia que estava cheia de picos.

É matemático, é certo isto que sempre acontece: Seja parvo ou seja esperto nunca ninguém se conhece.

